

**NA HORA DOS GRANDES FEITOS  
— E DAS GRANDES ALMAS**

**PALAVRAS PROFERIDAS PELO PROFES-  
SOR DOUTOR MARCELLO CAETANO, EM  
4 DE OUTUBRO DE 1971, AO RECEBER OS  
MEMBROS DO GOVERNO DAS PASTAS  
MILITARES E OFICIAIS GENERAIS DOS  
TRÊS RAMOS DAS FORÇAS ARMADAS  
QUE LHE FORAM APRESENTAR CUM-  
PRIMENTOS POR MOTIVO DO SEU AGRA-  
CIAMENTO COM A GRÃ-CRUZ DA  
ORDEM MILITAR DA TORRE E ESPADA**

Senhores Ministros e Secretário de Estado.

Senhores Officiais-generais:

Honra-me muito a presença aqui de Vossas Excelências e sensibilizaram-me as palavras que acabam de ser proferidas pelo Senhor Chefe do Estado Maior da Armada.

Os tempos não estão para luxos de qualquer espécie, mesmo que sejam luxos verbais. E a linguagem só assume todo o seu valor quando usada para desvendar pensamentos verdadeiros e para exprimir sentimentos sinceros.

Por isso apreciei tanto, Senhor Vice-Almirante, o estilo simples e directo da sua saudação.

A Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito é, neste País, um galardão prestigioso que cria enormes responsabilidades a quem o recebe.

Diz a lei que pode ser conferido por serviços prestados na chefia do governo, em governos ultramarinos e no comando de tropas em operações; mas sobretudo — e é esse o seu carácter mais radicado na consciência popular — deve ser attribuído ao heroísmo militar ou cívico e por actos excepcionais de abnegação e de sacrificio pela Pátria e pela Humanidade.

Ora, sobretudo a partir da reforma decretada em 1832 em nome da Rainha D. Maria II, são os militares que têm preenchido em grande maioria os quadros da Ordem.

Primeiro por virtude das campanhas da Liberdade. Houve depois, em meados do século XIX, o contributo do heroísmo cívico dos médicos e de outros que ao lado deles lutaram contra os cataclismos do «colera-morbus» e da febre amarela. Mas no final do mesmo século vieram as campanhas em África enriquecer o historial da Torre e Espada com nomes gloriosos cuja evocação recorda feitos admiráveis do Exército e da Marinha.

Na guerra de 1914-1918, em que entrámos para, com autoridade, reivindicarmos na Paz os nossos direitos sobre o Ultramar, outra vez as Forças Armadas, em África e na Flandres, se bateram com galhardia e deram novos nomes para os quadros da Ordem. E militares têm sido quase todos quantos a mereceram de há dez anos para cá, desde que fomos obrigados a acorrer às fronteiras de Angola, de Moçambique e da Guiné para combater a subversão até lá levada por inimigos nossos.

Quer dizer que quem ingressa na Ordem da Torre e Espada se encontra com uma pleiade gloriosa de soldados, onde as sombras dos mortos fazem realçar a estatura dos vivos, e cuja contemplação nos permite recordar século e meio da história militar portuguesa.

Nos registos da Ordem figuram desde humildes soldados e marinheiros — e ainda não há muito foi a enterrar o célebre soldado «Milhões» que na primeira grande guerra tanta curiosidade despertou pela sua bravura excepcional — até a marechais e almirantes, três dos quais, Gomes da Costa, João de Azevedo Coutinho e Craveiro Lopes conheci com o orgulho de ostentarem no peito a fita azul ferrete ganha em penosas condições em África, onde os três se distinguiram em graus e ocasiões diferentes mas todos irmanados pela integridade do espírito militar e pela ilimitada devoção à Pátria.

Nesses mesmos registos se encontra a mais variada gama das acções em que pode desdobrar-se o que o escritor francês chamou a «servidão e a grandeza militares». Quantos homens que no desprezo do perigo, no cumprimento cego do dever, na dádiva total de si próprios a uma causa superior, souberam arrancar-se à mediocridade do quotidiano e encontrar, no momento marcado pelo destino, o gesto vigoroso que sublima uma existência inteira!

Mas também quantos cujo heroísmo residiu na firmeza do comando, com a aparente serenidade que espalha confiança em redor enquanto as preocupações e os cuidados trazem alanceado o espírito

no momento anterior à decisão de cuja escolha pode resultar a vitória ou a derrota, ou nas fases críticas da execução que é preciso acompanhar momento a momento, sem vacilar na directriz, mas com a lucidez desperta a fim de que a perseverança não degenerem em teimosia e que a coerência lógica não contradiga as realidades inelutáveis.

Esses chefes que tiveram de preocupar-se com os homens sob as suas ordens, velando pela sua disciplina, pela sua preparação, pelo seu moral e pelo seu conforto, atendendo aos mil e um aspectos de que depende a coesão e a eficiência de uma tropa, mas que ao mesmo tempo são forçados a estar atentos ao seu emprego para cumprir as missões que a Pátria lhes confiou e a tomar as resoluções que a cada momento as circunstâncias exigem.

Os exércitos não podem dispensar os soldados; mas não existem sem chefes.

A multidão dos alistados é apenas matéria prima: só os chefes que a comandam podem transformá-la em força regular com a dignidade, a nobreza e a utilidade de uma arma ao serviço da Nação.

«Um fraco rei faz fraca a forte gente». Quanto maior é a posição do chefe, mais larga a sua influência possível e mais pesada a sua responsabilidade. Os soldados batem-se, e os soldados portugueses têm provado em muitas ocasiões da História a sua capacidade de se baterem bem. Mas a valentia individual cada vez mais precisa, para ser eficaz, do enquadramento colectivo e tem de ser apetrechada e orientada por quem possua em si o dom de atrair, empolgar e conduzir homens.

Por isso nesta teoria de militares insígnies que a Ordem da Torre e Espada nos apresenta, têm os seus lugares os que a conquistaram pelo heroísmo pessoal e os que a mereceram pelo aprumo da chefia.

Neste passo em que a Nação portuguesa realiza o que constitui porventura o maior esforço militar da sua História, a presença de Vossas Excelências, significativa do apreço em que as Forças Armadas

tém a mais alta condecoração portuguesa, quer dizer também a sua fidelidade às tradições que ela encerra.

O materialismo afoga as mais puras virtudes cristãs que constituem ainda o precioso património espiritual do nosso povo. O ar anda saturado de uma sociologia aniquiladora dos valores e méritos individuais e que faz do homem simples peça de engrenagem, moldada em série segundo os condicionamentos e exigências da colectividade. Falsas elites procuram todos os pretextos para destruir o sentimento da Pátria, radicado bem fundo, todavia, nesta Nação cujos filhos se dispersam pelo mundo mas permanecem unidos na comunhão da saudade.

Mas estamos também na hora dos grandes feitos — e das grandes almas.

Devemos continuar a afirmar a primazia dos ideais sobre os interesses, a nobreza ímpar da generosidade que se dá sem conta, a grandeza suprema de servir a Pátria sem preço. Nas Forças Armadas só deve haver poupança — e quase avareza — do sangue da juventude que lhes é entregue e que delas deve sair mais viril, mais culta e mais experiente para a vida; e do dinheiro do contribuinte que o Estado tem de administrar como um bom pai de família para que a ninguém falte o essencial embora todos, nas ocasiões críticas, hajam de dispensar o supérfluo.

Devemos continuar a exaltar o valor do homem, como indivíduo, não para o endeusar sacrificando-lhe egoistamente as exigências sociais, mas para afirmar que é a inteligência dos indivíduos, são o carácter, a vontade, a força de ânimo, a coragem, a capacidade de sacrifício, a resolução dos homens, que podem influir nos destinos da humanidade e traçar os caminhos da História.

Devemos continuar a cultivar o amor da Pátria, não como uma ideia, não como um conceito, não como uma categoria histórica, mas como realidade radicada em cada polegada do nosso ser que em todos

os gestos e actos, desde os primeiros momentos da vida, está presente e nos possui, queiramos ou não, como uma maternidade a que devemos uma parte preciosa do ser.

Até hoje não tem faltado nas Forças Armadas o culto do Valor individual, da Lealdade à Pátria e aos Chefes e do Mérito na Justiça, e por mais severa que seja a selecção, continua a vir delas o principal contingente dos medalhados com a Torre e Espada.

Pois é preciso que essa fonte se não estanque e, pelo contrário, se torne cada vez mais abundante ainda que os critérios de escolha não se alarguem nada.

É preciso que, como os soldados do século de quinhentos, continuem os dos nossos dias, quando chamados às ásperas lides de defesa, a inspirar epopeias,

«Dando os corpos a fomes e vigias  
A ferro, a fogo, a setas e a pelouros  
A quentes regiões, a plagas frias  
A golpes de Idólatras e de Mouros...»

Quatrocentos anos passaram sobre a data da publicação d'*Os Lusíadas* em que já se exaltava a expansão e a presença dos portugueses na África, na Ásia e na Oceania.

Quatrocentos anos de lutas, de trabalhos, de esforços, de contributo para a Civilização e de difusão da Cristandade. Mas quatrocentos anos que não quebraram a têmpera dos Portugueses nem entibiaram a sua determinação.

As Forças Armadas têm de continuar a ser a principal escola do patriotismo consciente e do desinteressado serviço da Nação.

Por isso, em vós, seus chefes, as saúdo e venero.

**noticias de**  
**PORTUGAL**

Suplemento ao número 1275

9-10-71

P-R30-07